

11 de Junho  
de 1932

# reporter.

SEMANARIO DAS GRANDES REPORTAGENS



Ler neste numero: As aventuras e a morte de Alberto Londres, o Rei dos Reporters (pelo «Reporter X») — Os mortos de Macau, Montmartre do Oriente — A celebridade dos pirotécnicos portugueses, através dos séculos — Etc., etc., etc.

# "ELEGANTE PAVILLON"

Tomaz Nogueira Cunha & Filhos

28, Travessa da Picaria, 28-PORTO

TODAS AS NOITES

Bailes

Diversões

Jogos

Aberto toda a noite

(ANTIGO PRIMAVERA)

# CARTAZ

Espectaculos recomendados  
pelo «Reporter X»

## TEATROS

Ginnasio - 9 1/2 «A Mascote»  
Avenida - 8 3/4 e 10 3/4 O Dia das Romarias  
Apolo - 9 3/4 - «A Hora do Diabo»  
Maria Victoria - 20,45 e 22,40 - Cova da  
Piedade  
Capitolio - 21 - Variedades

## CINEMAS

S. Luiz 9 1/2  
Tivoli »  
Central »  
Odeon »  
Terrasse »  
Royal »  
Palacio »  
Olympia »  
Paris Cinema »  
Liz »  
Europa »  
Palatino »  
A Promotora »  
Imperial »  
Salão Ideal 19

Todas as noites

# TEATRO APOLO

## Brevemente

Inauguração da época de verão com um  
genero absolutamente diferente ao actual

Estreia da peça policial

# O Taxi 9297

ORIGINAL DE REINALDO FERREIRA

(REPORTER X)

## Pensão Familiar

Uma pensão é, muitas vezes, preferível a um hotel quando, reunindo todas as qualidades de um hotel e duma pensão, evita os defeitos de uma coisa e outra. Eis o motivo porque o REPORTER X recomenda a todos os seus leitores que veem a Lisboa a

## Pensão Familiar

na Rua Ivens, n.º 49, segundo e terceiro andar, (Telefon- 20783) de Frederico de Almeida Duarte. Comodidades modernas, serviço impecavel, socego, seriedade severa, conforto intimo, uma mesa sã, saborosa, variada — das melhores da capital, uma esculpulosa selecção nos hospedes, tratamento de primeira ordem — e preços fora de concorrência.

## VISITE A

### Patisserie Versailles

Avenida da Republica, 15

Lunchas para casamentos  
e batizados

ESMERADO SERVIÇO

Telefone 3219 N.

L I S B O A

# TEATRO DO GIMNASIO

# A MASCOTE

HOJE — SEXTA FEIRA, 10, A'S 9 1/2 — HOJE

REAPARIÇÃO DA CELEBRE OPERA-COMICA

DE EDUARDO GARRIDO

## A Olimpíada da C. N. N.

**L**ISBOA não tem «vida financeira». Em Bruxelas — por exemplo — a população vibra em ritmo com a Bolsa, preocupando-se tanto com a sua «última hora» d'altas e baixas como com as grandes notícias da política.

E não julguem que esse interesse, essa participação — se limita aos profissionais, aos banqueiros, aos brasseurs de papel, aos agentes de Bolsa... Toda a gente — a começar pelos operários, intervêm, segue, estuda, arrisca, preocupa-se com a Bolsa. Por muito mo tempo que seja o belga, por muito pouco que ganhe — o seu salário é invariavelmente dividido em três verbas: a do pão de cada dia, a dos divertimentos e a das reservas.

Se eu como, durmo, me arrelho todos os dias, porque não hei-de de me divertir todos os dias também?

Se eu trabalho e luto e procuro melhorar a minha situação — é porque aspiro a aumentar e melhorar as minhas distrações e as minhas reservas. Se não fôsse o cinema, o teatro, a leitura, o café, o baile, o passeio, o sport — para que quero eu viver, comer, trabalhar, juntar dinheiro? Desgraçado do homem que, pelo menos, não pode comer todos os dias. E' preciso distin-



## Homens &amp; Factos do Dia

guirmo-nos dos párias... Este critério dos belgas — que é aliás o de todos os homens civilizados, na Europa e na America — exceptuando os portugueses — sobre tudo dos que não vivem em Lisboa, emboa em Lisboa exista ainda quem pense como nas aldeias primitivas — é o ditamo de todo o progresso, o egrado do movimento intimo do dinheiro, o botão mágico da vida financeira de Bruxelas — e de todas as grandes cidades.

Pouco a pouco, o operario, o artista, o caixeiro, vai juntando o seu capital para comprar «papeis»; e com o rendimento dos primeiros junto ás novas economias novos papeis são comprados... Conheci um barbeiro na Avenue Marie-Louise, em Bruxelas, que tinha cem acções de uma empresa colonial, compradas a 80 francos, cada, antes da guerra, e que em 1922 lhe rendiam quasi 400 francos mensais — mais do que ganhava no officio! Basta dizer que se publicam em Bruxelas cinco diários exclusivamente dedicados a assuntos financeiros, diários que são lidos com avidéz. Qualquer operario está disposto a vender as obrigações da Companhia de Fosforos A, para os substituir por acções da Companhia de Filmes Z, porque esta está dando um jro de 20% e aquella não passa dos 17%.

Em Portugal a fauna dos que vivem ou exilaram a finança é reduzi a a uma rua: a do Comercio. Uns brasileiros, uns reformatos, umas viúvas, que preferem o rendimento mediocre ao quantioso o que querem é segurança e poucas dores de cabeça. D'ahi o desinteresse geral com que se assiste aos acontecimentos mais sensacionais dessa boite á surprisa...

Vinha isto a proposito da Assembleia Geral da C. N. N. e da victaria do tão discutido sr. Cardoso Leitão.

E vinha a proposito — porque é pasmoso que um tal acontecimento se desbobre sem alvototar a opiniao publica. De tempos a tempos, a bisbilhotice de café piparoteia uma pergunta ou risca um comentario que logo se dilue como fumo de cigarro. E mai-nada!

Abençoado paiz!

Não é a primeira vez que este jornal radio-grafa os bastidores da C. N. N. Porque nos movia qualquer despeito, calculo, interesse inconfessavel, premeditação, fogo ou cilada? Graças a Deus! — não creio que ninguém duvide da honradez do «Reporter X» — homem ou seminaro — e a prova eloquente que justifica esta convicção, está na evidente pobreza remediada de um e outro, apesar de todos os exitos! Posta de parte a hipotesis de calculo desonesto e interesseiro, cubica de gorgetas ou de subvenções, fica de pé a outra hipotesis: a do interesse moral. E assim, como posso desofiar e enulto e bom som, a gregos e troianos de-se potentado marítimo-financeiro pa-a que denunciem, no mesmo tom de voz,

que o Reporter X, homem ou jornal, directa ou indirectamente, procurou... qualquer dos acordos a preço varável, que caracterizam estas campanhas; ou se recebeu ou procurou qualquer proposta desse genero, indirecta ou indirectamente, emana da C. N. N., da mesma forma exige que contrariem, caso m'nta, se eu conheço pessoalmente ou pistolarmente ou a'outro modo qualquer, os «Azes» dessa empresa; e se houve qualquer procedimento que possa explicar odio por uns ou simpatia fraquesa-sentimental por outros... Quando as nossas informações nos impressionaram até ao ponto de nos convencerem da existencia duma imoralidade — metralhámos os acizados — com tal firmeza e desinteresse que, para não abrimos uma excepção ao nosso dogma de: «Nunca falarmos em causa e de nu ca nos colarmos sem ter exgotado o nosso dossier arriscamos uma velha camaradagem, temperada por mil provas mutuas de fraternal amizade.

Calá-no-nos um dia — exgotados os assuntos inéditos que entendiamos dever revelar ao publico — não porque não poderemos alostar a nodos, mas porque nos estavam macaqueando por todos os lados e não podiamos entoar as nossas sereautas em côro jornalístico.

Mas, es e remete a uma batalha não significava armistício e muito menos uma assinatura de paz. Cá estavamos e estamos para ordenar o à la charge, sempre que haja cousas a provocarem-nos ou irritar que nos obriguem ao basta!, isolado.

Mas, entretanto, veio a assembleia geral.

O que se disse, o que se escreveu, o que se ameaçou um senhor chamado Cardoso Leitão alvo máximo de todos os ataques!... Que de acuações se fizeram! Que de proesas se contavam! Realmente, escutando-se, lendo-se, vendo-se o que se dizia e que se escrevia sobre ele — não erá difficil diagnosticar a Administração e o Administrador da C. N. N.!

Um dia, esse senhor Cardoso Leitão sde da Companhia. «Foi expulso!» cochichavam uns!!! «Acaba na policia», afi-mavam outros!!! «Na proxima assembleia vai revelar-se toda a verdade» profetisavam outros, ainda!!! «Vol ser um escandalo sem antecedentes nem semelhanças». Aguardet, impaciente, essa Oympia ta cuja publicidade era, realmente, prometedora... E a Olimpíada realizou-se... E que? O escandalo deu-se, de facto, mas com que imprevisita metamorfose! O que se previa ser um me-gulho irremediável no lódo, pouco faltou para ser uma apoteose, um 14 de Julho, com grinaldas, balões venezianos, ban-teirinhas fogo pirotecnico e fanfarras a tocarem uma nova Marselhesa e as damas a ducharem de petalas policromas o triunfador, e os contra-regras a soltarem ban-tos de pombas — tão brancas — como a pureza daquelas almas...

(Continua na pag. 15)

# reporter

O SEMANARIO

DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE PORTUGAL

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS ACONTECIMENTOS DE SENSACÃO NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Sai ás sextas-feiras e é posto á venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. GAL

Director e Editor  
REINALDO FERREIRA  
(REPORTER X)

Redacção, Administração e Publicidade  
Rua da Horta Seca, 7 — Tel. 2.5787  
End. Telegr.: REPORTEIX—LI:BOA

Delegação no Porto:

R. Passos Manuel, 241 — Tel. 4391  
Composição e Impressão

Rua da Horta Seca, 5 LISBOA

3 meses — série de 12 numeros — Esc. 11850

6 » — » 25 » — Esc. 22850

12 » — » 52 » — Esc. 44850

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

O inigmatico e misero Mr. Bastide...

O professor francês de Torres Novas

que ensinou -- diz -- o dr. Brito Gamacho e que hoje vive como um vagabundo filosofo

ENTRE as almas errantes que levam uma vida miseravel, arrastando pelo mundo a sua cruz, contra geiora ente, empastelam-se na fauna imensa dos que estende a mão a caridade; outros, cujo o espirito de rebelde inibe de pedir limitam-se a exhibir, no xteior, o de pezo por si proprios, na sua sorte de vendidos da vida, agarrando se ao alcol como recu so ultimo para o esquecimento da sua vida de parias, -- de xando a divinar o misterio do seu passado -- tenebroso ou fatidico...

Tal e o caso de Bastide Léon Maron, um pobre velho de sessenta e seis annos, cuja nojencia e abandono foram a nossa rotina e sensibilidade, numa paca pblca da Linda vila de Torres Novas. De ban o em banco, á procura do sol, Baride arasta por aquela riso ha vila extrã e ha os terriveis vicios, á mistura com uma mania de supeiorida e irreglissima no ponto de hostilizar até me mo q. em lhe faz bem: O alcol e a p. r. caria.

Quando se assenta, seja onde fôr, e sempre sobre folhas de jornal! e em o cuidado colocar sobre si um a plo papel c. m o fim de escnder os buracos e as costuras da ujdade reluzente, da sua indmentar a miseravel. Um amigo cont-nos, que Bastide costuma dormir ao relento, quer no inverno que r no verão, nos bancos publicos, ou em queresquer egraus, e que já por vezes alguns filhos da terra gnerosam nte lhe têm dado guarda T m dado por li algumas lições de francês mas diz-se professor de instrução primaria, mas é tal o seu cheiro ausente, que os alumnos têm de se collocar a certa distancia. Também lhe têm ofereido faios, mas logo dai a dias parece todo sebe. Ao escuammos estes infirmes ácerca da vida aventurosa daquel estrangeiro, não resistimos á tentação de irmos até e e, mas de forma cautelosa, ele odeia a publicidade:

«Viva, amigo! sau lãmos, ao aproximarnos do banco, onde Bastide se encontrava estnd do peguico-a nente, sob um col, com um chapen sebo sobre os seus olhos mortifcos e a sua b rba hirsuta -- imunda!..»  
«Viva, senhor! respondeu ele clhando-nos de soslaio!...

- Vã lá uma cigarrada.  
- Vã lá...  
- F' po tuguês?  
- Qual?! - francês! francês!... - respondeu acntuando a uma quasi indignação  
- «Amigo, acalme-se... não lhe fiz esta pergunta para se e furecer. Eu tambem tenho a mania... d- correr terras... e é por isso que aqui me encontro, onde ninguem conhece...»



...dormindo nos bancos de Torres Novas...

ce... Mas ouvi-o falar tão correctamente portuguez...  
«O udera, estou cá ha vinte e tal anos...»  
«Subito, indagou: Mas o senhor é dos jornais? e os seus olhos fixaram-se nos meus -- sombrios, descolhiados...»  
«Não, senhor; somos da Beira serrana, e encontramos aqui, somente pela curiosidade...» E como esta declaração melhorasse a sua altitude, perguntamos-lhe:  
«Onde é a sua terra?»  
«Avignon, linda cidade franceza da Côte d'Azur antiga cidade dos papas.»  
«Mas teve algum drama na vida que o força-se a abandonar familia e patria?!»  
«Nada! Meus pais ainda são vivos, minha mãe tem novnta e três annos e meu pai novnta e oito. Tenho tambem um irmão com quem, desde o serviço militar, estou de relações cortadas porque desertou, fugindo para a Suissa com uma cocotte, e eu é que tive de o substituir. Na França sabe o senhor -- é assim: dois irmãos não podem servir ao mesmo tempo no exercito, mas, se um deserta, o outro é obrigado a apesentar-se.»

«E nunca mais uma palavra, nem uma carta?»  
«Não; fiquei a odia-lo para sempre; sou assim; gosto de ser independente, muit senhor da minha vontade. Até hoje já estive em sete nações, e saf da minha Avignon com trinta e três annos de idade.»  
«Não é caso isto?»  
«Como podia eu casar, se tive sempre um grande desejo de correr mundo, viver a meu modo, livremente, sem empecilhos?»  
«Mas esta vida que leva é um calvario; não lhe custa andar assim?»  
«Vivo a meu modo, tenho esco a sociedade. Tirei o curso de professor de instrução primaria, e quando procurei collocar-me, fui perterido sempre, por causa dos politicos por ser independente e nunca querer ser correligionario; corre-li gionar o nunca! independente, sempre independente.»  
«Conhece os escritores francezes?»  
«Só conheço os da Academia, não sou como os portuguezes que lê-m qua quer...»

Mr. Bastide Léon, fala-nos da Suissa, dizem o que nunca lá viu um mendigo a pedir esmola, e que du ante as horas escolares, nunca viu uma criança pela rua. Perguntamos-lhe se dava lições de francês naquela vila. «Tenho uma meia dúzia de alumnos, que me pagam dez escudos por semana (hegama para viver... não quero mais; não quero machadas, não tenho ambições!»)

Cita-nos alguns nomes de categoria social, de quem tem sido professor de francês, e calulma a nossa surpresa ao evocar, entre estes o dr. Brito Gamacho. «Foi ja outra vez que cá estive ha um bom par d'anos!»  
E agora, que trouxemos para a letra redonda o pobre velho vagabundo de sessenta annos, cuja desventura se impõe a todos os corações, peuntamos se não seria conveniente a intervenção de alguém, no sentido de Mr. Bastide Léon Maron regressar á sua patria, para se libertar das báias da garotada, daquela miséria, das táras, que o escravizam, dormindo pelas ruas, com a indumentaria a cair de póare.

Aragão Paiva

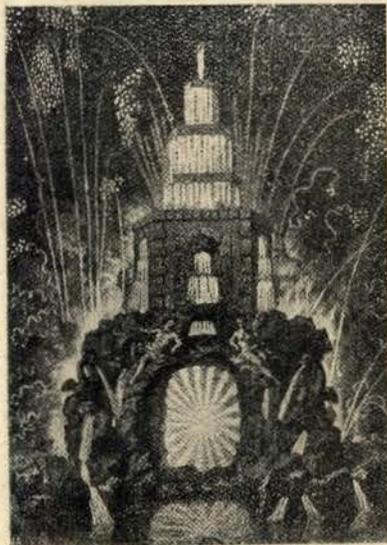
Mannheimer V. G.  
SEGUROS DE AUTOMOVEIS  
TELEFONE 23533  
L. Barão de Quintela, 11-2.º

Quereis dinheiro?  
Jogai no  
Gama  
Rua do Amparo, 51 - LISBUA  
PREÇOS CORRENTES  
Pelo correio mais \$80 para registo  
SEMPRE SORTES GRANDES!!!

# A celebridade dos pirotecnicos

QUEM leu o ultimo livro da «Collection Bleu Historiques» — de Leon Moreaux — «Le plaisir et le Splendeur au Siecle XVII et XVIII» — é surpreendido, logo no primeiro capitulo por um nome português: Antonio Araujo. A que pretexto? Na primeira gravura que ilustra esse capitulo diz: «As maravilhas pirotecnicas da Festa dos Embaixadores, em 15 de Novembro de 1719, nas Tulherias — para as quaes o soberano encarregou o mais celebre artista do seculo, na especialidade — o portuguez Antonio de Araujo».

E-se Antonio de Araujo, tinha pelo visto, costela hebraica pela visavó, linda julia que em 1699, apaixonada loucamente por um comerciante de Braga, de apelido Araujo, abandonara os seus e se convertera á fé de Cristo, casando com o seu galã. Mas, poucos anos após o casamento, a familia da juna, quasi toda já refugiada na Holanda, procura reconquistá-la e restitui-la á sinagoga — o que conseguiu — ficando o unico filho do casal estigmatizado pelo cognome do «meio judeu». Que se calcula, naquela época, as perseguições que esta fatalidade procurou á familia Araujo. Houve varios Araujos — entre estes um tal José Araujo — que sofreram os horrores da Inquisição — rematados pela morte na fogueira. Um deles, que escapou ao auto de fé teve a ironia de se dedicar á pirotechnica — como se tivesse ficado o senhor de todos os segredos do Deus-Fôgo. Um tio dele era um verdadeiro domesticador da palavra — e notabi-



Uma apoteose pirotecnica (Tulherias, 1719) obra do português Antonio Araujo

sou-se até «nas artes de guerra», fornecendo ao exercito innovações applicaveis ás rudimentares «armas de fogo» da época. Pouco tempo levou o sobrinho a suplantar o tio e mestre; e de geração em geração a fama dos «Araujos» foi-se dilatando — havendo, no seculo XVIII dois ramos da mesma familia — um em Braga e outro em Viana ou Caminha. Este Antonio de Araujo foi dos que maiores supeias despertaram ao Santo Officio. Indo a Lisboa contratado pelo Marquês de Torres para preparar o fogo, nas fessas do casamento da filha — facilitou a evasão de um cristão-novo que caíra nas garras dos «familiares» e ocultava-o entre os ajudantes que trouxera do Minho e não descendeu enquanto não o met-u numa nau com destino a / mesterdão. O Santo Officio soube-o e o marquês de Torres iambem; e como sympathava com o pirotecnico, preveniu-o a tempo de fugir pa a o estrangeiro. Ora o judeu protegido pelo Antonio de Araujo era — precisamente um primo seu,

## PORTUGUESES

por descendencia da tal avó judaica. Este primo siube ser grão: e como o portuguez era um mestre na arte de fogo de visia consagru que o burgestre de Hsia o contratasse para as festas da cidade, em 1714. Havia pirotecnicos holandeses, al-mães e franceses — sendo, na época os mais celebres, os italianos; e entre estes distinguia-se um tal Salvati que era considerado quasi um bruxo na especialidade. Pois bem: o exito obtido pelo nosso compatriota ultrapassou to as as maravilhas visias até então. O burgestre repetiu a festa no ano seguinte — e vieram estrangeiros da Escandinavia e até da Austria, atraídos pela fama do fogo queimado em 1714. A partir de então Antonio de Araujo foi o pirotecnico mimado da Europa. Não havia festa de tom que não metesse o portuguez. Mas a verdade a arroteose foi em 1719, nas Tulherias-em que trabalhou durante dois meses, ajudado por trinta auxiliares — na maioria portugueses que ele mandu vir de Braga, Viana, Barcelos, etc. — ganhando uma pequena fortuna só com a gratificação que o Rei da França lhe deu. Antonio de Araujo morreu em 1759, velhissimo, em Moscow, quando o imperador da Russia, o requisitara para

# atravez dos seculos e do mundo

glorificar as tropas que vinham da campanha com a Turquia

Um dos discipulos de Araujo que maior amealhou foi Manuel Lapa que viveu vinte anos nos Países Baixos tornando-se popularrissimo sob o apodo do «Portuguez Foux-Feu»... Ha quem afirme que os actuais banqueiros de Antuerpia Faucherre — descendem daqui — nosso compatriota cuja alcinha se transformou em apellido — um pouco adulterado... No seculo passado — no tempo de Napoleão III — foi de Viana a Paris, contratado para organizar e fornecer o fogo dum das festas esplendorosas de que o imperador era prodigo — um outro pirotecnico portuguez — Carlos Taborda — que ganhou 51000 lises e que nunca mais regressou a patria. Existiu ainda em 1892, em Bruxelas. Conheceu-o o escritor *diletanti* Mario de Menezes e dele fala no seu livro — *Terras e Sonhos* editado em 1901. Ainda hoje a maior marca pirotecnica da Europa que é a «Stellein» de Hamburgo, tem, como tecnico supremo, um portuguez — Fibeiro de Sá, natural de Viana e que na Alemanha vive desde 1907. Durante a guerra, refugiou-se na Dinamarca, onde não lhe faltou trabalhar voltando á Alemanha em 1919.



Fogo de visia maravilhoso, numa praça de Bruxelas, no seculo XVIII, obra dos pirotecnicos portugueses

## JORGE DE ABREU

PELA dor que a morte do ente querido nos causa se pode medir a saudade e a tortura da nos a alma, neste momento, em que, no mesmo golpe, nos roubam o grande amigo e o grande camarada; o homem e o jornalista; o irmão pelo e pirito e o irmão pelo sacerdocio...

Sou dos que s'ntem fador de u'ar da sua tecnica e experiencia nas letras para lum'ntar em publico a perda de uma vida que amavamos. Não quero nem posso fazer literatura com a morte de Jorge de Abreu! Sei apenas sofrer — e offer apenas naquela palavra: tão simples, tão nua de entes, que os simples u'am para ve'tir as suas imagens.

Jorge de Abreu, a quem devo o melhor que aprendi nesta arte que ele e eu tanto amavamos; Jorge de Abreu a cujo exemplo heroico de pobreza h'nrada devo o orgulho da minha honrada pobreza já não é deste mundo.

Faleceu no dia 8 do corrente após longos meses de tortura inquisitorial e apezar de todos os esforços da ciencia!

Morreu um grande jornalista — morreu um homem de bem! E a mim roubaram me um grãud-amigo, um camarada que sempre s'neret. Choro! E o menor e o maximo que po- o e deve-o dizer na cultiva ho. a tristissima em que escrevo estas linhas.



**Aproxima-se**

**o Verão**

.....mas ir para fóra de Lisboa e ficar in-comunicavel, é como se voltasse ao seculo XVIII...  
 Por isso deve levar consigo o seu Telefone. A rede dos arredores de Lisboa vai até aos pontos mais escondidos e pitorescos onde as vo-sas ferias serão tranquilas e ao abrigo das imprevidencias porque para todos os casos

**lá está o telefone**

Informe-se na

**THE ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE C.º LTD.**

Rua Nova da Trindade, 43

**LISBOA**

Rossio, 67

# O SEGREDO DO PEIXE

## que Lisboa não come

O éco que publicámos com este título, causou a sensação que merecia. O peixe podia ser vendido á população de Lisboa, por um preço ao alcance de todas as bolsas; podia entrar em todas as casas—quando entra apenas n'algumas, privilegiadas—porque o peixe é arrematado pelas intermediárias a um preço baixíssimo. Ainda ha poucos dias fomos informados do seguinte: «Um funcionario que assistira de manhã á transação do peixe, foi visitar um amigo, entrando no momento em que a esposa desse amigo concluía a compra de uma pescada. «Quanto lhe custou? inquiriu» — «Sete escudos!» — «Pois bem: se a peixeira lhe vendesse por dois escudos ganhava 100 por cento».

Antigamente havia mais de 2000 ovarinas no negocio do peixe, pelas ruas de Lisboa. Hoje, esta legião está reduzidissima — e na maioria das casas — já o dissémos — preferem vender pouco, mas ganharem 500 ou 600 por cento em cada negocio — do que andarem carregadas e venderem muito — ganhando pouco de cada vez. A unica resolução era a já indicada: Os jornais publicarem todos os dias a tabela dos preços do mer-

e que podia comer, á farta, e a preços baratissimos — O comodismo e o peixe inutilizado — Um «truc» vandalico — A tabela de preços e os jornais diários

cado — dos preços pelos quais as ovarinas compraram o artigo — acrescido do lucro legal, fixo tambem. As donas de casa não precisavam regatear nem discutir. Escolham o peixe que lhes agradava iam ao Se-

culo ou ao *Diario* ver o preço do dia e pagavam-no sem perigo de um equívoco. Outro mal que é preciso evitar — e contra elle insistimos e insistiremos... Não faz sentido que num país pobre e numa crise como esta que a Europa atravessa, que se inutilise todas as semanas milhares e milhares de kilos de peixe — que representam o alimento de milhares e milhares de individuos! Aquele que se estraga a bordo e que desembarca em mau estado — que remedio. Mas deviam-se tomar todas as precauções para que não se estragasse aquele que se desembarca e que depois é uma dôr d'alma ver destruir... Mais ainda. Algumas peixeiras, depois de arrematar o artigo tiram da caixa os peixes que podem vender mais caro e com as mãos moem a primeira camada do restante indo a seguir reclamar... Desta forma as vendedeiras despejam os caixotes no monte do peixe para inutilizar e as peixeiras não são obrigadas a pagar o caixote arrematado, nem aqueles peixes que escamotearam e que vendem depois a bom preço.

E' mais o peixe que Lisboa não come do que aquele que come!



# A MORTE TRAGICA DO REI DOS "REPORTERS"

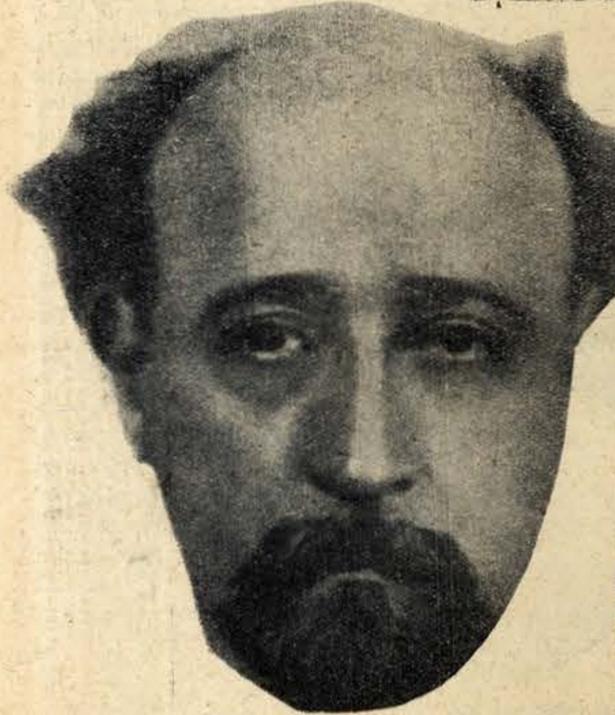
## Alberto Londres, o maior jornalista do mundo desapareceu misteriosamente no incendio de «Georges Phillippar»

### Algumas das aventuras mais emocionantes e das reportagens mais sensacionais de Rei dos Reporters

... "NEM alto nem baixo, quasi negro, um corpo flexivel, elastico, dir-se-ha que feito já para todos os conforcionismos e resistencias; e sub tamente, s-m liga, ão possivel, uma cabeça antiga, pelada no alto do craneo, numa calva eno me, espelente, lustrosa, marginda de farripas loiras que se esgadelhavam á menor brisa; um b gode de guias queixotescas uma barba guleza, feissima, de dois bic s, dando, no conjunto a ideia mixta de um doge de Veneza e de um poeta mendigo, da Edad-Media..."

« - Voilá Alberto Londres! — exclamou Gaspard, chefe da politica estrangeira do Eclair; e voltando-se para o recém-chegado exclareceu-o: «E' um jovem confrade portu-guez que dirige os se vios da na agencia americana em Paris e que desejava conhe-ce-lo...»

Ah! Sim! Se eu desejava conhecer Alberto Londres o príncipe dos report-res de França — e do mundo, a gloria maxima do jornalismo



O ultimo retrato de Alberto Londres

moderno, cuja vida (só a vida, não fal) nos artigos) hipertrofiada de aventuras, inquietas, emocionantes, agitadas, heroificadas em todos os continentes, superior a todos os filmes, a todas as novelas, a todos os folhetins; cuja vida, dizia eu, eu sonhava num mixto de veneração e de inveja! ...Foi em 1922... Gaspard convidava-me a almoçar no cercle dos jornalistas — na Rue Lou s-le-Grand, ao lado da «Radio»; e quizera o Destino que, no momento em que o desabafo da minha admiração por Alberto Londres atingia o rubro — Alberto Londres entrava na sala do cercle. Trajava pitorescamente, como um gentleman que se tivesse ajanotado para .. realizar uma mudança de moveis. Os sapatos de polimento por engrai-xar; as calças de fantasia tinham perdido o

vinco e enrosca-am-se em baixo quasi numa espiral; o col te e o ca aco eram um chic estilo teutonico — mas estavam amarfá hadis-simos; camisa de sport e um laço a Laval-liere...

... Mas que importa tudo isso se e'e era, de facto o maior de todos — e se a morte o li-vou em plena mocidade — porque os homens como Londres, estão em plena ju entude aos qua-renta e cinco a os, por-que a sua obra estava ainda em glo iosa linha ascendente; porque aca-bava de re li ar, após tantas maravilhas jorna-listicas — a sua obra pri-ma? Alberto Londres morreu em plena aven-tura — em plena reporta-gem! Foi uma morte bem digna de Alberto Londres!

«—Cheguei ante-hontem da Guyana! Acabo de deixar na redação, os ultimos sete artigos que faltavam á serie! Des.a vez — acaba-se com aquele inferno inquisitorial — e sou eu quem o acaba! O ministro da Justiça telefonou-me esta manhã, pedindo me para con-parecer no conselho para discutirmos a formula . O decreto está quasi pronto! E' a segunda vergonha de que eu liberto a França... A primeira — foi o «Berli» — onde os «disciplina-res» eram *queimados* ao sol. A's 4 horas tenho uma conferencia no jornal para combi-narmos a primeira viagem... Devo partir ainda esta semana para os Estados Unidos... Ha muito que estou insinuando um inquerito aos «bas-fonds» de New York e ao que existe de verdade sob o maquiavelismo da cidade chinesa, em S. Francis.o. E' pena não ter chegado a tempo para assistir á segunda revolução *spartahista*, na Alemanha... Antes de partir para a Guyana hesitei em dar um pulo á India inglesa e entrevistar Gh ndi — mas tenho tempo — e aproveitarei depois, para alongar a jornada até á Indo-China e assistir ás grandes caçadas do verão — orga-nizadas pelos rajahs e príncipes indigenas! Ja os acompanhei uma vez, ha anos! Que maravilha! Parece um sonho das mil e uma noites! De todas as formas, dentro de um mez e meio, preciso ir a Buenos Ayres... E' outro plano — e sensacional!

Alberto Londres falava sempre assim... Che,ava; partia; recordava grandes reportagens, grandes viagens, em todos os pontos do globo — e planeava outras, numa vertigem que entontecia os nossos pobres cerebros de pequenos jornalistas dum pequeno paiz — que para irmos de Lisboa a Setubal, inquerir sobre um crime sensacional — discutimos com o administrador da gazeta os



Em cima: Londres (á esquerda) á chegada do tenente Rosenberg, após a celebre conferencia dos «azes» da aviação. Em baixo: «Um mapa» das algumas reportagens de A. Londres em 1921.

dez e-cudos extra, para bebermos uma cerveja pelo caminho...

E' impossivel comprimir dentro destas colunas a vida e a obra de Alberto Londres. Irei citar-o as suas viagens e as suas reportagens a medida que me acudirém ao espirito... Começaremos pela guerra, em que ele, envergando a farda de capitão, que o Estado Maior lhe concedeu para facilitar as suas missões jornalisticas, tão depressa se encontrava nas primeiras linhas, assistindo aos *corp-à-corp* — como o viam nos Dardanelos ou na Grecia, radiografando, melhor que o melhor agente secreto, as intrigas g r m-nofilas da cõrte; ou na Italia, a profetizar a vitória; ou nos Estados Unidos e no Mexico, a desmascarar a obra dos espíodes diplomaticos alemães e a preparar o ambiente para que Washington se inaignis-se contra a guerra dos submarinos...

Mas a grande actividade de Londres começa após a guerra. O *Petit Parisien* jornal que o contratara e que lhe deu sociedade — desenvolveu-se extraordinariamente, enriquecera; dilatara a sua expansão até atingir a maior tiragem do continente europeu: 5.000.000 de exemplares. Alberto Londres era o homem que convinha ao *Petit Parisien* para manter os seus leitores numa permanente tensão nervosa. «De 1919 até á morte desastrosa, no recente incendio de «Georges-Phillippar» — dizia, ha pouco, um colega parisiense Alberto Londres real sou 85 viagens ao estrangeiro, sendo 52 dentro da Europa; 7 á America do Norte; 5 á America do Sul; 6 á Asia; 12 á Africa, e 3 á Oceania. Bateu o *record* no ano de 1927 que tendo percorrido na Europa, a Alemanha, a Ingl terra, a Escandinavia, a Austria, os Belkans, Portugal (esteve em Lisboa, ho-pedado no *Metropole* quando da revolução de Fevereiro), tocou em todos os outros continentes, visitando o Rio de Ja-

neiro, New York, Bombaim, Tokio, Dakar, Cairo, Sidney (Australi.) e Honolulu. Total 18 viagens.

De todas as suas grandes reportagens — a mais util á humanidade foi, seguramente, a da Guyana. Pasou um mez naquele inferno, onde a França envia os seus criminosos e que é mil vezes peor do que a guillotina. A' volta conseguiu que a justiça francesa mo ificasse em absoluto aquele regimen de degredo. A' hora do meio dia se um desgraçado tivesse a imprudencia de sair da sombra para o sol caía fulminado.

Li essa reportagem reunida num livro celebre «Au Bagne» — e existem capitulos que jámais esquecerei. Um exemplo: O tenente K... enlouquecido por uma mulher e pelo vicio do jogo, vendeu uns documentos secretos á Alemanha; preso, exaurado (a illustração Portuguesa publicou, em 1907, as fotografias deste aflitivo e-pectaculo), que fez sensação na epoca, foi condenado a degredo perpetuo. Vinte e dois anos sofre o martirio da Guyana. O seu comportamento, a sua tristeza convencem todos os guardas.

(Continua na pag. 14)



Em cima: Dieudonné (que sofre 17 anos de degredo, estando inocente) e Alberto Londres (que ajudou a evadir-se e que prova a sua inocencia) grupo tirado no Brazil, após a evasão. No meio: L) dres engrai-xando os sapatos, no Cairo, durante a reportagem das revoltas em 1928. Em baixo: Londres (X) nos Da dancios, durante a guerra.

## Ainda a C. N. N. ou a Rua do Comercio em alvoroço

Uma assembleia geral de grande espectaculo vista por alguém que a viu de dentro

PARA não repetir, embora com informações ineditas as reportagens que os diários publicaram — premeditamos o assalto... *pour le bon motif* jornalístico a alguém que, estando bem em dia com todos os segredos íntimos dos bastidores da C. N. N., — podesse revelá-los honradamente, incapaz de uma parcialidade ou de um *retoque* que prejudicasse a clareza dos factos e a verdadeira conquista deste grande acontecimento. Sim — porque, a assembleia geral da C. N. N. foi o maior acontecimento dos ultimos tempos, da Rua do Comercio, o mais discutido, aquêle que acionistas e publico aguardavam com maior impaciencia. Esse informador era o nosso amigo sr. Augusto Guedes, ex-chefe dos serviços aduaneiros — pessoa que pela sua situação e caracter, reunia todas as condições exigidas para a cubiçada entrevista. Mas não foi façanha facil demover os seus escrúpulos que, embora respeitaveis, não eram invioláveis.

Eis o que lhe escutamos:

«— Não é possível, pelo ambiente de nervosismo, de quasi epilepsia em que decorreu, e pela anormalidade das circunstancias e ainda pelas surpresas que surgiram — desenhar um grafico exacto da ultima Assembleia da C. N. N., com pretenções simultaneas a diagnostico do passado e profecias do futuro...»

E como esta primeira resposta fôsse quasi uma negativa, uma recusa — pedimos venia para que metodisando aqueias afirmações — as simplificassemos.

«— Começemos pelo passado!...» dissemos.

«— Ao contrario do que se esperava nada se esclareceu. Pelo contrario... Porque se exigissem explicações de escandalos que não existiam? Porque a muralha que defendia esses escandalos resistiu a todos os ataques? Nem eu nem nenhuma das testemunhas desse acontecimento — o mais sensacional do ano, na rua do Comercio — lhe poderia responder honradamente. As acusações que faziam contra a Administração eram, de facto, impressionantes, esmagadoras, tremendas! Mas provaram-se essas acusações?

O «REPORTER X» ENTREVISTA  
O EX-CHEFE DOS SERVIÇOS  
ADUANEIROS SR. AUGUSTO  
GUEDES

Ouvindo os acusadores, sim! Ouvindo a defesa — não! E o mais grave — ou o mais importante, é que a acusação não replicou, não desmentiu a defesa. Admite-se que se estranhe os resultados da Assembleia; mas se são paradoxas pelas acusações feitas: tor-



O sr. Augusto Guedes despachante oficial da Alfândega

nam-se verosímeis pela atitude dos proprios acusadores, após o contra-ataque da Administração demissionaria. ! Se é lamentável o que sucedeu, os culpados unicos desse facto não são os atacados ou os que os defendiam — mas sim os seus adversarios — que se calaram de um modo e numa altura... muito inoportuna.

— E o presente?

— A direcção eleita deve merecer a confiança dos accionistas — visto que... foram eles que a elegeram — e os nomes escolhidos são, de facto, esquivos a qualquer prolongamento da situação em que a Companhia se encontrava perante a opinião publica. Se o principal atacado venceu e fez triunfar a lista sob o seu patrocínio — repito — foi porque os outros não insistiram nas suas atitudes... Por muito *Monsieur de La Palisse* que isto pareça — é a verdade pura!

— E o futuro?

— Tudo gira em redor da frota, que é realmente velha, e que não está á altura dos planos preconcebidos nem corresponde aos esforços feitos, segundo a opinião de tecnicos, que ali o afirmaram. O futuro da C. N. N. está dependente das possibilidades de renovação dos seus navios, pois, atendendo a que todos eles teem mais de 20 anos de serviço, exceptuando o «Quanza» que tem 3, as actuaes dificuldades não deixarão, certamente, de subsistir...

«Existem, ainda, muitos pequenos nadas — que são peças desafinadissimas da grande maquinaria — e que sem as acertarem, as concertarem, não poderá funcionar normalmente. Exiberei o meu caso — porque é aquêle que conhece melhor...»

«Como você sabe, exerci, durante cerca de dois anos, o lugar de chefe dos serviços aduaneiros da C. N. N. e tendo dispendido na organização dos mesmos o melhor da minha energia, não é sem uma certa apreensão que ouço dizer que a Repartição Aduaneira, vaе sofrer nova reforma na sua organização...»

«Cria V. que para conseguir o meu *desideratum*, isto é, montar os serviços aduaneiros da C. N. N. para os deixar como os deixei, — seja-me

(Continua na pág. 15)

Misterios trágicos da nossa epopeia em Angola

# O massacre do neto de Marechal Saldanha, o heroico conde de Almoester

(Continuação do numero anterior)

Nada ocorria, porém, de anormal. Os sobas continuavam a acusar a passagem do homem branco que «seguia muito depressa»...

Chegaram uma tarde ao sítio de *Catquese*. De longe, o gentio contemplava-os em silêncio. O soldado António de Sousa, que fora imbedido do tenente R. M. S., pediu autorização para ir à aldeia indígena beber água. Pouco depois um bando numerosíssimo de negros, assaltava de surpresa o acampamento dos dragões. Estes, embora colhidos de surpresa, defenderam-se tenazmente, raivosamente... No lado atacante surgiam grandes clareiras de homens ceifados pelas balas das «Kropatchec» militares. Mas novas massas de gentio vinham preencher as falhas. Duas horas depois os chefes negros gritavam: «Tuenda Douko!» (Avante! Vamos!) — «Firmes! Atenção às vozes!» — gritava o Conde de Almoester, ahimando os dragões. «Mas a avalanche negra crescia assustadoramente. Eram mais de 200 negros contra cada branco. De súbito, o fogo dos dragões e meçou a decrescer.» — «Que há? — bradou João Carlos olhando rapidamente os seus homens.» — «Falta o cartuchame, meu capitão!» — gritou o sargento Rocha.

— Há os cunhetes que vinham na retaguarda! Dois homens que tratem de os trazer para a frente! Depressa!

— «Não estão lá os cunhetes, meu capitão! O primeiro conde quiz certificar-se — e exclamou também:

— «Não estão cá! Roubaram os cartuchos! Estamos perdidos!» efectivamente os 10.000 cartuchos haviam desaparecido!

O que então se seguiu é fácil de prever e dizem-nos os jornais da época.

Um a um foram tombando os dragões validos. Um cabo que desencravava a espingarda foi atingido por uma zagaia que o atravessou do peito às costas.

E os doentes, aqueles que se estorciam convulsivamente com febres, ergueram-se como doidos, lutando também, á fa-

cada, braço a braço, mordendo, urrando de fúria e de dor, partidas as baionetas, esgotadas as munições...

Eram feras defendendo a vida, resistindo...

Foram rareando os europeus. E a onda negra crescia, crescia sempre, como se os negros brotasses do solo. Havia o odor nauseabundo do sangue. A selva povoara-se de gritos.

O sargento Rocha, num repente, saltou para um cavalo e partiu á desfilada a fim de prevenir a força que seguia a quatro dias de marcha. Era um projecto irrealizável.

Tudo estava perdido.

Às seis horas da tarde, rodeado de cadáveres de homens que se estorciam no solo, estertorando, Almoester via-se quasi só, cheio de feridas, vendo findar o seu ultimo clarão de sol...

De espada flamejante, erguida ao vento, correu desvairadamente sobre os negros. Saltou uma cab çca, fendeu-se um hombro, esparrinhou sangue dum peito, sob as suas cutiladadas de alucinados.

Mas... soou um tiro, secco, rápido... E o heroico neto do Marechal Saldanha, tombou para sempre, com a fronte despedaçada, enquanto nos seus cabelos loiros o sol agonizante lhe punha um alvo luminoso, como uma coroa de martírio...

## Depois do Massacre... á carruagem

### — Quem matou o conde Almoester

Foram esartejados os cadáveres. Arrancaram-lhes os olhos, os craneos serviram de taças para o macabro banquete que se seguiu á chacina.

E ao conde de Almoester, tiraram-lhe os intestinos, encheram-lhe o abdomen de vinho de palma e todos os guerreiros foram ali encher as cabaças.

Quando o farmaceutico Guardato e alguns serviços de agricultura José Lopes, se dirigiam ao lugar da chacina, depararam com um espectáculo pavoroso que os fez recuar de assombro e de horror.

Se os negros não tinham espingardas, quem disparou o tiro que despedaçou a fronte do conde Almoester?

Quem roubou os 10.000 cartuchos da força?

E' ainda o «Quimbanda» quem me diz:

— Foi um branco quem escondido num imbondeiro fez fogo contra o conde.

O soldado que podia pedir agua á sanzala, estivera a falar com ele, escondidos numa cubata, e depois de se avis-tarem com o soba é que foi determinado por este o assalto á força dos dragões.

Durante o combate, meteram-se pelo capim, restando e, torneando o poletão, foram retirar os cunhetes para a floresta visinha, manejo que ningnem notou em virtude da intensa luta que se travara.

— E que destino seguiram, depois, esses dois brancos?

O «Quimbanda» sorriu e disse:

— Estiveram para ser mortos pela nossa gente. Um havia incitado o soba ao assalto, garantindo-lhe que a força escoltava até ao Lubango uns sacos com o dinheiro dos impostos. Depois verificou-se que era falso. E a nossa gente quiz vingar-se do logro.

Salvaram-se, de noite, fugindo sem que ningnem os presentisse!

O «Quimbanda» fitando-me com os olhos piscos e cínicos, concluiu:

— Como vês, ha brancos com a alma negra...



O Tenente L... Testemunha ocular de tudo quanto aqui revelamos e que hoje se encontra reformado.



## BEBAM

# «GUARANA»

## O melhor refresco

## Vende-se em toda a parte

# Os segredos de Macau

## A colonia portuguesa que é o Montmatre da Asia

de um cachimbo um ténue fumo azulado. Eis um dos grandes atractivos de Macau: o opio!

Fumadores de opio: E' vê-los mais tarde, ao despertar, os olhos encobertos, a vista parada, incipientes, pobres prezas do vicio do snho e do outro que oferece a Macau o cognome de Monte-Carlo da China: o jogo.

### Opio

estupefaciente cujo uso, autorizado na mesma época em que Macau se via desamparado, e que durante o anno de 1930-31 rendeu perto de um milhão de patacas para o orçamento governamental de quatro milhões e oitocentas mil patacas.

Somando pois o fantan e o opio temos dois milhões e duzentas mil patacas do que rende a *les boites d'amoer et de dance*, loterias, etc. Em resumo: os vicios e os atractivos de Macau são a maior riqueza da colonia o principal comercio da sua sedução.

Entretanto .. entretanto os «juncos» vogam levando dentro do seu bojo chineses, americanos, franceses, sedentos de emoções fortes, aventureiros internacionais de todas as raças, vi dos dos quatro cantos do globo que a ra dos pela fama que rodeia Macau, como cent o de alegria, ali vão para depois se afastarem para os grandes centros cosmopolitas, europeus, e depois mais ta de voltarem.

L os esperam na mesma, como ho e, como hontem, h mezes há anos, os mesmos vicios, os mesmos lupanares, e os mesmos jogos de sempre.

Quando será que acabará de vez com a razão que assiste ao estrageio de darem a Macau o inglorio epíteto de Monte-Carlo da China?

Poderão fugir os viciosos do jogo e do opio, pode o fugir os aventureiros internacionais mas creiam, nesse dia sentir-nos-emos mais satisfeitos.

f. PAULO FERREIRA



中華民國外交部  
發給護照  
大總統令  
有波  
年卅四歲向任上海擬前往  
蘇龍潭  
應歸中國保護  
奉  
蘇龍潭

Chang-Li-Fu dono duma das maiores tavolagens de Macau

**M**ONTE-CARLO difere de Macau, não na falta das emoções do jogo ou na dos prazeres ilícitos, mas apenas em uma ficar na Europa e a outra na China. Pode-se mesmo afirmar que Macau tem mais vantagens, pela característica bizarra, policrónica do casario, pelo pitoresco dos costumes orientais, variedades de jogo, passeios noturnos em «juncos» que fazem lembrar, vagamente, as gondolas venezianas vogando sobre as tranquilas águas do Grande Canal recortando-se no negro da noite a sua silhueta esguia, ou então, num final de tarde, em que as águas tomam tintealhas de ouro e o Sol, ao morrer, lhes empresta .. E os «juncos» vogam como poderiam deslizar as gondolas pelo portico do Palazzo Pisani no e o pinor Robert se matou, por muito amar a princesa Carlota de Bona arte ..

Nas espaçosas camaras desses «juncos», cobertas de cus osas tapeçarias, coxins macios onde lindas chinesitas se entregam a uma voluptuosidade mercenária, semi-nuas, numa baanal demoníaca. Retinam gargalhadas, pragas, enquanto que, mais alem, perdido na penumbra vultos se e tendem em fofas almoçadas aspirando, sotregos, pelo comprido tubo

### Fantan e Chu-Chu

Mas o que se passa na camara dos «juncos» sucede também em ter a, em toda a Macau. Joga-se com furor nessa cidade do mais perfumado o mentalismo! Alemes, italianos, espanhóis, yankees ou brasileiros, portugueses, japoneses e sobretudo chineses, todos jogam, gritando, gestiulando numa ilgaraviada babeli a, num alvoro e e emoção que os iguala em raça. Aventureiros de todas as cores, vindos não se sabe a que e de onde, fugidos não se sabe a quem, juntos a comerciantes, a mil onarios, a gente séria (?) que se encontram, para que, após um estagio sempre curto, partirem de novo não se sabe para onde, nem porquê... Tao depressa se ouve aqui um *oui, mon chéri* pronunciado numa entonação bem parisiense, como mais alem se distingue, através o brou-h-lá da turba, um gutural *ya* ou um *all right* verdadeiramente ingles! Pode ser de algum honrado traficante da velha Inglaterra que, para espalhar o spleen, viesse de Hong-Kong até à nossa Macau, passando e deixando ficar, nas avoagens, alguns milhares de libras, distraindo-se com as fortes comoções do fantan ou do mais recente Chu chu.

No ano de 1849 foi autorizado o jogo do fantan como uma medida de fomento do turismo, e porque, para arranjar dinheiro, os chinas fugiam a novas e pesadas contribuições para Hong-Kong e o governo da colonia vendo e desamparado da Metropole, não teve mais remedio do que autorizar este jogo (só durante o anno de 1930-31 rendeu ele ao estado um milhão e duzentas mil patacas, num orçamento cuja importancia é de quatro milhões e oitocentas mil patacas) como autorizou as loterias, o opio e outros atractivos que tornam a nossa colonia do Extremo Oriente como um Montmatre da Asia, ou a Marselha da China, ou antes, um casino, uma casa de diversões cosmopolitas, isolada no mar.

Quando em Macau é posto em praça o exclusivo deste jogo toda a colonia se agita como um tuífo pode agitar uma ramagem, porque este maldado jogo tem as suas arrematações, sindicatos de exploração e concessionarios, advogados que andam á rinda deste chorudo ne ocio esperando amealhar as migalhas que caíam da lauta mesa do festim. Mas ainda não é tudo: o fantan é só uma das fontes de riqueza da colonia. Falta ainda falarmos do que é ..



Entrada duma Tavolagem

## Aventuras d'um globe-trotter

## Mr. Lencaster continua a narrar-nos as suas proezas de jornalista detective

A Febre de Ouro — O Inferno de Sel e da sêde — Ouro e miseria — Malazia promettedora.

Marble Bar, a vila Quartel General, base das operações de campanha — de campanha do ouro — blasonava-se de ser, e com a mais evidente justificação, um dos locais mais parecidos com o Inferno... onde o calor não deve ser mais intenso.

— Triste Quartel General de miseria e fome. Maltrapilhos de todas as procedencias, acampados em tristes bandos á volta dos «Bars» e «Hoteis» onde só viviam os protegidos da sorte, consumindo em gin e whisky o magro produto de longos mezes de sacrificio. O desespero era quasi geral, na época em que ali cheguei.

Os ultimos bandos lançados ao assalto, tinham regressado desimados, famintos, tristes e desiludidos, nem uma pepita do vil metal.

Instalei-me n'uma miseranda locanda — o «Bar Bessie» — e era invejavel a minha situação... olharam-me respeitosa-mente, como a Lord endinheirado. Depressa se consumia porem, o pouco dinheiro que eu tinha — bebiamos todos, quando eu bebia. O meu quinhão nas refeições era dividido sempre por muitas bocas famintas. Um dia, a monotonia de toda a vila, foi subitamente quebrada.

Quando me levantei, cedo de manhã, achei excepcional movimento no Bar. Bebiam todos, bailava-se e dançava-se. Havia novidade. «Big chap Bul» — o «Bul» grande Homem — tinha chegado. Regressara nessa madrugada com os alforjes carregados de ouro — ouro puro e rutilante... Estava descoberta uma grande mina... Bill o maior explorador da Australia, o mais valente e tambem o mais temido, nunca se enganava nem enganava os outros... E a prova ali estava, ouro e aleool para todos.

Preparava-se rapidamente a grande expedição. Já se adquirira um grande carro, cavalos, mueres etc.. «Big Bill» adeantava dinheiro ás mãos largas a todos que o quizessem seguir e o merecessem.

Dirigi-me, pedindo-lhe para o acompanhar. Olhou-me sobranceiro, fitando-me bem de frente e disse-me: «Pareces homem, nem baixas os olhos quando te fito. Sabes bem quem eu sou? Já foste ao deserto? Como humildemente eu lhe respondera que não, nunca fóra ao deserto, e era simples principiante, respondeu-me secamente que não! — não me dava licença. E' claro que eu não me dei por satisfeito com a sua decisão dictatorial e resolvi, á minha custa, preparar o

meu bernal de viagem disposto a seguil'o tambem.

Bem procuraram outros dissiduar-me d'isso, mostrando os perigos a que me sujeitava e entre eles o de ser abatido a tiro por «Big Bill» que só a sua



Um tiro partiu...

vontade imperava. Escarneci do seu poder, e isto quasi me custou a vida pois nessa mesma tarde estava eu pronto a partir com os outros, bebendo o ultimo trago de whisky no Bar, quando se abriu bruscamente o guarda vento e surgiu entre portas «Big Bill» cuja vós alterada pela zanga aterrorizou todos os presentes. «Então queres ir comigo? — disse-me, ironicamente. E mal me dando tempo a murmurar fôsse o que fôsse, senti que o cachimbo que tinha na bôca

se desfazia ao mesmo tempo que ouvira o sibilar d'uma bala mesmo rente á minha cabeça.

Eu tive sempre uma grande paz de espirito nos grandes momentos.

Atirei fóra o resto do cachimbo, placidamente bebi o que restava no meu copo e olhando-o bem de frente, disse-lhe. Se quizeses matar-me, como homem a outro homem, dá-me uma arma e vários para a rua. — Se o não fizeres, és um covarde... Depois disto esperei morrer.

Bill, porém, subitamente calmo avançou para mim e explicou-lhe «Não consenti que fosses comnoso porque não adquiriste ainda direito de explorador. E' a lei do deserto. Desobedesses-me e mereces a morte. E's homem porém, e valente. Toma um «drink» e vem comnoso e que Deus nos proteja a todos!

Triste ilusão a minha!

Julguei esse o momento mais venturoso da minha vida.

Três mezes depois, quando regressamos, mais pobres e desiludidos do que nunca, bem merecemos o caminho que nos foi dispensado por Bewie a boa Barmaid que se transformou em enfermeira em verdadeira irmã da caridade.

Dos trinta que seguimos só 21 voltavam. Big Bill por lá ficara ainda teimoso em afirmar que era ali, — um pouco mais adiante que marcara a posse da grande Mina — do ouro e do fortuna para todos... Nós é que não poderamos mais e nem acreditavamos em Big Bill... o grande Homem enganara-se.

Estive, entre a vida e a morte cerca de três mezes. Uma infecção provocada pelo excessos da marcha, e descalço deformara-me os pés.

(Continua no proximo numero.)

# A Morte Tragica do Rei dos "Reporters"

(Continuação da pag. 9)

O governador consegue o indulto. Mas, para muitos, o indulto, a liberdade, é pior que o degredo. No degredo tem onde dormir e de que comer; uma vez libertos o governo não nos dá passagem de regresso e na terra não ha trabalho. E é a fome e as noites passadas ao relento! Contudo, graças ás habilitações do tenente K..., existe a possibilidade de um emprego... Dar-lhe uma carta para um dos mais ricos negociantes da cidade. Quanto K... a vae entregar, o negociante está ausente — e é a filha — uma ranarigueta de 16 anos — que o recebe. Aperta-lhe a mão e mui gentilmente lhe pede para esperar. Mas vendo que K... não pode conter as lagrimas, pergunta-lhe, assustada, porque é que chora. *«É que ha mais de vinte anos que ninguém me apertava a mão!»*

Outro episodio, da mesma serie de reportagens: um official de Guyana viera a França casar-se e levára a esposa com ele, no regresso. O seu posto era numa das ilhas onde desterram os piores degredados, os mais perigosos indisciplinados. A pobre francesa não se habituava áquella gente e vivia sob um eterno terror. Um dia o marido é chamado ao governador e parte para só voltar na tarde seguinte. Ao aproximar-se a noite — a angustia da esposa atingiu quasi a loucura. Entrincheirou-se no quarto e não conseguiu deitar-se. Perto da madrugada ouviu uns passos no jardim. Espreitou através as cortinas e viu um dos forçados mais perigosos — condenado por crimes de morte e que, mesmo na Guyana, já atentara contra um camarada avançar e entrar em casa, com attitudes suspeitas. Pouco depois ella sentia os mesmos passos no corredor, parando frente ao quarto. Espreitou pela fechadura e reconheceu o mesmo forçado que estava espedaco, com os olhos fixos na porta. Os guardas viviam no outro extremo da ilha e as unicas pessoas que estavam em casa era uma creança velha que viera de França e dois ou tres creados — igualmente degredados e que lhe metiam tanto medo como aos outros.

Fácil é de calcular o que foi o decorrer das horas para a pobre senhora. Por fim, amanheceu e ella notando a aproximação dos guardas, ganhou animo para abrir a porta do quarto. O forçado lá estava, sentado no chão... «Que fazes ahí?» Ele sorriu e respondeu: «Estive toda a noite de guarda á senhora... Eu sabia que o seu marido se ausentou e não tinha muita confiança nesta gente... Podiam vir atacar a — mas para lhe tocar era preciso que me matasem primeiro.» Que extranha psicologia — a daquelle facinora!

Uma das mais impressionantes obras de

Alberto Londres é a reportagem da «La Route á Buenos Ayres». Graças a essa reportagem que Londres viveu fazendo varias viagens entre varios portos europeus e o Rio de La Plata, entrando nos palacios e casebres do amor venal das grandes e pequenas cidades argentinas, fazendo-se passar por *souteneur, maquerau, mitché, gigolot, casten e mangens en blanc* — decifraram-se todos os segredos da vasta e infamante organização do trafico de brancas, entre a Europa e a America do Sul. Graças a elle descobriram-se dezenas de altas individualidades envolvidas nesse negocio e todos os segredos dos bordeus argentinos; a escravatura das desgraçadas que caem nessa rede ignobil e que uma vez sequestradas pelos seus traficantes nunca mais são senhoras da sua vontade. Graças a elle, revelaram-se os *trucs* que os exploradores de mulheres usam para escapar á vigilancia da policia...

A Argentina indignou-se com a reportagem de Londres — e Londres apenas respondeu: «Des-intam-m, se eu menti!»

Segundo os seus calculos todos os mezes embarcam para a America do Sul, com destino a esse vil *metier* (e mui as ignorando o que as esperam) mais de mil mulheres... Só em Buenos Ayres, para uma população de 2 milhões e meio — existem 60 a 70.000 cent-nas de todas as raças — até japonezas, até peles-vermelhas, até portuguezas — dois mil, diz o livro «La Route á Buenos Ayres». De todas as raças — sendo a menor percentagem a dos argentinos — menos de um por cento! A policia persegue ferozmente os que vivem explorando as cortezás — mas os *souteneurs* usam de todos os subterfugios para se esquivarem á justiça. Uma vez conta Londres — o commissario Leandro de Los Rios suspeitou de certo *gentleman* italiano que basofiava de riqueza e que declarava ser negociante de automoveis. Não havia forma de o apanhar em flagrante. O commissario ordenou então que dez ou doze dos seus agentes fossem *esbanjar* d'nhairo para os lupanares mais *chics* da capital — dinheiro que elle, commissario, fornecia em notas assinaladas por uma rubrica minuscula. Horas depois o *gentleman* era preso e revistado — e as notas rubricadas foram encontradas nos seus bolsos. Estava feita a prova. Nos interrogatorios confessou que todos os anos trazia enganada para a Argentina uma europeia. Chegou a *coleccionar* doze — e cada uma dellas convencida que elle era seu amante, exclusivamente... Para despistar a policia o cavalheiro, ás horas em que se encontrava com as suas escravas, mudava de traje e personalidade e entrava nas casas della — como se fosse um homem do povo ou em *gaúcho* de visita á capital...

Outra gloria jornalística de Alberto Londres é — sem duvida, o caso *Deudoné*. Deudoné conheceu-o na Guyana, escuto-o, convenceu-se da sinceridade das suas palavras. Deudoné, era, anarquista e quiz o destino que alguns dos facinoras do Bando Bonot, de tris e memoria, frequentassem os mesmos centros de que elle. Mas Deudoné era um anarquista sonhador e uma alma pura, incapaz dum crime, duma crueldade. Foi devido á sua generosa tolerancia que se viu envolvido no famoso processo — sem que nunca tivesse intervindo nas proezas do bando — e ignorando até que os «camaradas» que elle conhecia eram os au ores daquellas sinistras facinoras! Apesar de inocente, apesar dos gritos de indignação e dos seus juramentos — viu-se condemnado ao degredo perpetuo, abandonando a mulher e os filhos, em 1910 — havia 17 anos — na triste convicção que os não tornava a ver! Foram 17 anos de martirio e de revolta. Alberto Londres logo que chegou a França, recuperou as confidencias de Deudoné — e teve a certeza de que elle não mentira. Regressou á America com elle, com o martir a sua evasão financeou-a ajudou-a em todos os detalhes — e foi seral-o ao Brazil. A seguir publicou numa serie de vi te artigos — as «memorias de Deudoné» que ecoaram por todo o mundo, impressionando todas as almas e creando o espirito hosil ás velhas formulas policieas e ue justiça que permittiam assim destroçar a vida dum inocente, sacrificando-a pela cegueira com que o condemnaram...

Alberto Londres nos sertões brasileiros — conversando com tribus que nunca tinham tido o menor contacto com a civilização; Alberto Londres arriscando a vi a nos subterraneos labirinticos dos bairros chineses de S. Francisco — descobrindo os segredos de seitas tenebrosas; Alberto Londres, em Moscow, entrevistando Staline; na Irlanda, acompanhando os revoltosos nos seus *raids* fantomaticos; na Florida — infiltrando se nos bandidos do Ku-Klux-Klan; na Indo-China, com os caçadores de feras; em Berlim, no seio das casernas de Hitler; no Cairo, com os exploradores que invadem os tumulos dos faraos ou com os estudantes que se amonam; na Mosopotamia, com os banos de piratas do deserto; na Persia, entre istando Sha; em Vefanglunstan, junto aos ultimos defensores do rei Amanu'ah; na India, entre fakires e entre os nacionalistas; na Australia — nas carceres dos ultimos exploradores de ouro; em Whashington, espreitando os presidentes, na intimidade de Casa Branca!

Qual foi a ultima reportagem de Londres? Os misterios da politica orjental — chave da politica mundial moderna: os acontecimentos da China; a guerra da Mandchuria; os attentados de Tokio. Durante dois mezes — o «rei dos reporters» vagabundeou pela Asia, de Shangai para Hong-Kong; de Nanquin para Singapura; da Mandchuria para Tokio.

Regres-ou rejubilante — com a sua pasta hipertrofiada de papeis. Rejubilante — mas apreensivo. Ele que era tão comunicativo, tão falador, tão franco, tão destemido — mostrava-se reservado, desconfiado, receoso... Isolava-se... Procurava que não o conhecessem — ele que... era quasi vaidoso que sobressem o seu nome... Tomou o «Gerges Phillippar» com destino á Europa. Tinha pressa de chegar, de abrir aquela pasta, de ver aqueles documentos publicados, revelados...

Uma tarde, a um grupo de viajantes que lhe merecia especial confiança — desabafou o segredo da sua alegria — e da sua inquietação: «A reportagem que acabo de realizar e que vou publicar é a maior da minha vida de jornalista — podia ser um remate glorioso... se não quizesse continuar. Durante muito tempo não se falará d'outra cousa — e ficará na Historia — juro-lhes! (E espalmado a mão sobre a pasta — de que nunca se separava nem nas horas das refeições — acrescentou:) — Se eu quizesse havia quem me desse 3 ou 4 milhões de francos pelos documentos que estão aqui! E' a prova indiscutível, evidente, de toda a conjura maquiavelica dos acontecimentos do oriente (China, Manchuria, Japão.) a prova de que tudo gira em redor dos planos e de agentes bolxevistas; a prova de que foi Moscou quem organizou e quem realizou tudo... E este tudo — tem reflexos graves na Europa — reflexos que a Europa e America ignoram! E' a sensacional revelação jornalística do nosso tempo — juro-lhes!»

No dia seguinte dava-se a catastrophe! O *Matin* do dia 5 conta: «Alberto Londres a mal se apercebeu do incendio correu ao seu beliche para procurar a pasta onde guardava a sua reportagem — que, pela primeira vez, na viagem, não trouxera consigo. Ao querer sair — não ponde. Varios viajantes e eu (este eu corresponde ao autor da informação) tentamos acercar-nos do seu camarote... Ouvimos os seus gritos: «Salvem-me! Abram a porta! Estou fechado!» Tentamos salva-lo — mas es labaredas muralhavam já o caminho. E arriscar-nos a traspas-las seria como desafiá-la a morte! Cometemos a covardia de fugir — mas na convicção que ainda temos, de que... era impossível abrir a porta do beliche de Alberto Londres!»

Seria ele a causa — o objectivo da catastrophe — do crime? Se foi, como tudo indica — não conheço morte de soldado, mais bela do que a deste reporter.

Reporter X

Este número do «Reporter X» tem 16 paginas a duas côres, custa 1\$00 e foi visado pela Comissão de Censura

ANUNCIAR

NO

Reporter X

## Homens &amp; Factos do Dia

(Continuação da pag. 3)

*Ao principio, reboaram trovões, foguearam blasfemias, matraquearam acusações terríveis! Mas, subito, ergue-se o acusado, e o silencio cavou á sua volta, á mesmo ambiente de quando Raquel Meller entra em scena! E o que responde o acusado? Desmente tudo, catadupa provas berrantes, verdadeiras ou não, mas firmes; e entre o desfilar marcial, pimpão, ousado dos argumentos mais inespera os, repete constantemente estas frases, estes desafios:*

1.º — *Ao contrario dos outros oradores, eu peço e agradeço que me interrompam, que digam e prohem que eu mintó, que declarem que não comprehendem ou que não estão de acôrdo com as minhas explicações, porque eu não quero que fique uma só duvida nos vossos espiritos.*

2.º — *Desejaria vêr se são capazes de repetirem, agora, as acusações que andam a fazer lá fora, pela imprensa e pelos cafés!*

3.º — *Aqui respondo a todos, sem excepção, como administrador; lá fora, respondo como homem, a um por um ou em grupo. Etc., etc., etc.*

*E o que succedeu? — pergunta o leitor, julgando que logo se ergueram os adversarios, os acusadores, detalhando as provas, destruindo os argumentos de defesa, interrompendo-o para lhe gritarem que estava mentindo, para demonstrarem que ali havia apenas arrojó, sangue-frio, audacia, balões d'oxigenio, malabarismos, que o esperavam cá fora para protestarem... fisicamente contra os prejuizos sofridos? Isso sim! Todos se calaram! Todos o ouviram! Ninguém o desmentiu, protestou ou destruiu os seus energicos argumentos. Todos o ouviram, o acataram, acobardando-se! E ele venceu! E o seu grupo ficou na nova administração!*

*O senhor Cardoso Leitão, pode ser tudo quanto dizem que é! O senhor Cardoso Leitão será aquilo que eu penso que é! Mas, os outros são muito piores — porque... lhes falta a mais elementar das coragens — a coragem moral!!!*

Reporter X

## ‘‘GARANTIA’’

COMPANHIA DE SEGUROS

(FUNDADA EM 1855)

Capital realiado Esc. 1.000.000.000

Reservas em 31 de Dezembro de 1927

Esc. 6.565,55

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á mathematica e está á mão só. O que os segurados devem existir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a escudalia o seu passado

SÉDE

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO

(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 15 e 14

Casa Bancaria Souza, Cruz &amp; C., Lda

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 65 a 71

(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

## Nos bastidores dum escandalo

(Continuação da pag. 10)

perdoada a imodestia — uma organização modelar, não tinha horas certas de trabalho, muitas vezes saía da Repartição ás 8 e 9 horas da noite, sacrificando, para isso, até as minhas horas de refeições...

«Conseguí, com muito trabalho e persistencia, tornar numa Repartição modêlo, aquilo que fôra encontrar num verdadeiro cão. Organizei os Armazens Alfandegado e Afiançado, com escritas proprias e eguaes á da Alfandega. Obtive, no periodo da minha passagem pela C. N. N. uma economia para a mesma, superior a 1000 contos.

«E, por ultimo, dirigindo simultaneamente, os despachos de mercadorias e navios, estes ultimos com 7 carreiras mensais ainda essa economia se acentuava mais!

«Não sei quaes são as intenções da nova Administração a respeito deste assunto, mas, como já disse, receio que tomem uma nova directriz que, na minha opinião, como tecnico, só pode prejudicar os interesses da Companhia».

E eis, em síntese, a verdade que nestas colunas de prosa não revelaram. De todas as formas — valorisam a honradez, a lealdade e a imparcialidade de quem a revela...

## T. S. F... X

ESTE jornal não é politico nem o pretende ser. Cumre a mais pura e coerente das missões jornalísticas: informar, orientando sem outra disciplina do que a da sinceridade e da intelligencia, muita ou pouca, com que Deus Nosso Senhor nos dotou. Mas desde que a imprensa foi convidada a apreciar livremente um documento grave, como é o projecto da futura constituição — cometeriamos um pecado de lesa-oportunidade e de lesa-publico — não metendo a nossa colherada, em coro com os grandes e pequenos, gigantes e gnomos, barítonos e castrats do nosso jornalismo Afiaz o nosso comentario é simples, despretencioso e claro. A chave da ogiva da nova constituição — o poder forte da chefia do Estado — garantia maxima do executivo forte de que fala o dr. Barriga — correspond-, pela propria essencia e por toda orientação patente no relatório que antecede o documento — ao seguinte principio, ha muito defendido pelos nacionalistas de todos os paizes: o presidente duma republica parlamentarista e democratica é um irresponsavel; pode cometer toda a casta de más acções politicas, pode arruinar a nação que ninguém lhe pede a responsabilidade dos seus actos; em compensação, o chefe do Estado do novo Estado é responsavel, perante o povo, da obra; boa ou nefasta, do governo. Mas — como passar da palavra escrita á matéria viva da realidade? Qual é a formula do povo exercer o direito de expór essa responsabilidade — quando o povo entender que a orientação do responsavel lhe é prejudicial? Pela violencia? Mas a violencia nunca pode ser uma hipotese legal.

BREVEMENTE

A

«NOVELA

POLICIAL»

DO

«REPORTER X»

COMPLETAMENTE

REMODELADA



*Chiallo*  
66430